



Artigos/Articles

Traduzindo o feminismo em *Nossos corpos por nós mesmas*

Translating the feminism in Nossos corpos por nós mesmas

Camila Cerineu¹

Laís Ferenzini²

Janine Pimentel³

RESUMO

O livro *Nossos corpos, por nós mesmas* é uma tradução do famoso *Our Bodies, Ourselves* – uma obra feminista sobre saúde e sexualidade da mulher que nasceu nos EUA na década de setenta e que foi traduzida para mais de trinta idiomas desde então. A tradução para o português do Brasil é recente e surgiu de um projeto de cooperação científica entre duas universidades públicas brasileiras (UFRJ e Unicamp). Neste artigo, apresentamos o desenvolvimento desse projeto e discutimos algumas decisões tomadas em relação ao uso de linguagem inclusiva e feminista, recorrendo aos subsídios teóricos dos estudos de tradução feministas (CASTRO, 2013; CASTRO e ERGUN, 2018) e à intersecção entre tradução e sexualidade (SANTAEMILLIA, 2018).

Palavras-Chave: tradução feminista, OBOS, linguagem inclusiva.

ABSTRACT

Nossos corpos, por nós mesmas is the first Portuguese translation of the popular Our Bodies, Ourselves (OBOS) - a feminist book on women's health and sexuality first published in the USA in the seventies and translated into more than thirty languages since then. The Brazilian Portuguese translation is recent and arose from a scientific cooperation project between two Brazilian public universities (UFRJ and Unicamp). In this paper we present the development of this project

¹ Bolsista de Iniciação Científica CNPQ- UFRJ. Graduanda em Letras Português-Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. <https://orcid.org/0000-0001-9088-3596> Email: camilacerineu@letras.ufrj.br

² Bolsista de Iniciação Científica CNPQ- UFRJ. Graduanda em Letras Português-Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. <https://orcid.org/0000-0001-7768-332X> Email: laisferenzini@letras.ufrj.br

³ Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada - PIPGLA; Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. <https://orcid.org/0000-0001-6576-9898> Email: janinepimentel@letras.ufrj.br

and discuss some decisions made concerning the use of inclusive and feminist language, based on the theoretical framework of feminist translation studies (CASTRO, 2013; CASTRO & ERGUN, 2018) and the intersection between translation and sexuality (SANTAEMILLIA, 2018).

Keywords: *feminist translation, OBOS, inclusive language.*

1. Introdução

O livro *Our Bodies, Ourselves* (conhecido como OBOS), resultado do trabalho do *The Boston Women's Health Book Collective*, foi publicado pela primeira vez na década de 1970 e é considerado um bestseller na área de saúde e sexualidade da mulher. Representada atualmente pela diretora executiva Judy Norsigian, a organização continua famosa por seu esforço em atuar na política, advocacia e educação da saúde da mulher. A nona edição do livro, base para a tradução em português, foi revista e atualizada em 2011. *Nossos corpos por nós mesmas*, título da tradução, inclui aspectos da realidade brasileira e traz questões cruciais para nosso momento histórico, tais como direitos de reprodução, violência contra a mulher, sexo seguro, aborto, questões LGBTQ+, saúde ambiental, entre outras.

Realizado no âmbito acadêmico (UFRJ e Unicamp) em parceria com uma ONG, o projeto busca dialogar com o movimento liderado pelo *The Boston Women's Health Book Collective*, que conseguiu promover a circulação dos movimentos feministas através das mais de três dezenas de traduções do OBOS produzidas no mundo inteiro, bem como com as pesquisas recentes sobre teorias feministas de tradução e sobre linguagem inclusiva. Para as duas universidades, o projeto tem se revelado uma oportunidade ímpar de envolvimento com questões sociais, estudo e pesquisa, e tem possibilitado aos estudantes o trabalho com a prática de tradução e tudo o que ela abrange (softwares, glossários, dicionários etc.). Além disso, tem proporcionado grandes aprendizagens em relação ao uso de linguagem inclusiva e à adaptação ao contexto brasileiro, bem como estimulado debates sobre a realidade atual, em que as mulheres continuam enfrentando enormes desafios e obstáculos para conseguirem uma vida saudável e segura, pois nossos direitos são frequentemente ameaçados.

No momento, as traduções do primeiro volume, composto por sete capítulos⁴, estão prontas para publicação e dez outros capítulos já estão sendo traduzidos e adaptados para serem publicados no segundo volume. Esses capítulos têm trazido reflexões bastante úteis por tratarem de temas atuais e

⁴ Capítulo 1 – Nossos corpos femininos – anatomia sexual, reprodução e ciclo menstrual; Capítulo 2 – Imagem corporal; Capítulo 3 – Métodos contraceptivos; Capítulo 4 – Sexo mais seguro; Capítulo 5 – Aborto; Capítulo 6 – Violência contra as mulheres no Brasil; Capítulo 7 – Saúde ambiental e ocupacional.

apresentarem uma terminologia ainda em discussão. Por exemplo, alguns capítulos abordam diretamente a questão da inclusão relacionada ao grupo LGBTQ+ e lidam com o surgimento de novos vocábulos criados como resposta às necessidades humanas. Certas escolhas terminológicas têm se revelado complexas porque estamos trazendo essa linguagem para pessoas que não estão familiarizadas com o assunto ou que não lidam com ela em contextos mais cotidianos. A publicação brasileira tem por finalidade alcançar essas pessoas e fazer a diferença na vida delas, como aconteceu no contexto estadunidense e em vários lugares do mundo.

Este artigo está organizado da seguinte forma. A primeira seção resume as principais contribuições teóricas de pesquisadoras⁵ que se debruçaram sobre a tradução de textos cujo assunto é a sexualidade e o feminismo. A segunda seção apresenta os princípios metodológicos que nortearam o projeto de tradução bem como os principais temas de discussão que caracterizaram o nosso trabalho ao longo dos últimos dois anos. Em seguida, a terceira seção se concentra em um dos principais temas e desafios do projeto – a criação de uma linguagem inclusiva e feminista. Por fim, tecemos algumas considerações para fechar nossa reflexão.

2. Tradução, feminismo e sexualidade

As primeiras abordagens feministas aplicadas à tradução foram aquelas desenvolvidas nas décadas de setenta e oitenta, no Canadá, por Barbara Godard (1986), Lori Chamberlain (1988), Susanne de Lotbinière-Harwood (1991), entre outras. Consideradas pioneiras na área, essas tradutoras defenderam o uso de técnicas de tradução altamente interventivas, ou seja, a alteração radical de textos misóginos – procedimento conhecido como *womanhandling* e *hijacking*⁶ (FLOTOW, 1991). Castro e Ergun (2018) explicam que, bem antes da contribuição dessas teóricas-tradutoras, a tradução feminista já existia, mas a autodenominação do grupo (“tradutoras feministas”) exerceu um papel fundamental na aceitação da versão da história que localiza a origem da teoria feminista de tradução no Canadá.

Ao longo das últimas décadas, esse legado, necessário, mas essencialista⁷, deu lugar, então, a propostas mais moderadas e/ou maduras na interseção entre os Estudos da Tradução e os Estudos de Gênero e que parecem ser mais aceitas atualmente em várias partes do mundo. Importa acrescentar

⁵ Tal como no projeto de *Nossos corpos, por nós mesmas*, aqui também usaremos o plural genérico no feminino.

⁶ Na verdade, essas estratégias não são completamente originais, pois são adaptações de estratégias usadas durante muito tempo. Resumidamente, elas são formas de dar visibilidade e voz à tradutora, frequentemente através de intervenções significativas nos textos.

⁷ Porque apagava as diferenças entre as próprias mulheres, criando generalizações que não contribuem para a causa feminista em diferentes pontos do mundo.

aqui, ainda, que graças à virada cultural (SNELL-HORNBY, 2006) da década de 1990 nos Estudos de Tradução, hoje é amplamente aceito, entre especialistas, que a tradução traz oportunidades de ressignificação e de reconstrução da realidade, pois toda tradução é uma atividade contextual e ideológica. Como defende a pesquisadora canadense feminista Luise von Flotow (2013, p. 181) “[t]raduções permitem várias performances de um texto; elas fomentam diferenças nessas performances – de uma língua a outra, mas também de uma língua a muitas versões de outra”. Assim, estudos feministas de tradução abriram o caminho para investigações mais abrangentes e mais inclusivas sobre gênero e tradução, explorando, cada vez mais também, questões de tradução e sexualidade.

Além do foco no trabalho de tradutoras ao longo da história, surgiram pesquisas que buscam oferecer propostas práticas de tradução feminista (BLUME, 2009), a fim de promover mudanças no mundo patriarcal e sexista ainda expresso através da linguagem. Essas propostas são as que chamamos de “moderadas” e são conhecidas também por “terceira onda de tradução feminista” (CASTRO, 2017, p. 238). Por exemplo, a pesquisadora Olga Castro defende que cabe adotar uma linguagem inclusiva quando o próprio texto que traduzimos abraça esse tipo de práticas, mas não quando o texto defende valores opostos:

Como tal, é bem possível que o texto a ser traduzido não esteja de acordo com os princípios da linguagem inclusiva (por exemplo, um texto-fonte fazendo uso do masculino supostamente genérico), ou que defenda valores misóginos de forma aberta. Nesses casos, tradutores devem refletir cuidadosamente sobre até que ponto seria apropriado desafiar as expressões sexistas do texto-fonte [...] parece menos problemático defender o uso de linguagem inclusiva nos casos em que o texto-fonte transmite um discurso feminista de forma explícita, ou mesmo quando não expressa nenhuma perspectiva sobre gênero no âmbito discursivo, mas usa uma linguagem inclusiva no âmbito linguístico (por exemplo, através do uso de marcadores gramaticais de gênero) – seja como resultado de uma intervenção consciente no texto (por exemplo, usando *waiter/waitress*, *her/his*, *their* com significado singular, etc.) ou simplesmente porque se trata de um termo neutro de acordo com as normas linguísticas convencionais (por exemplo, *teacher* é um termo inclusivo *per se*). (CASTRO, 2013, p. 41-42; nossa tradução)

Naturalmente, a avaliação sugerida por Castro na citação implica: i) o reconhecimento de que se não subscrevemos conscientemente uma determinada ideologia, traduzimos (inconscientemente) conforme a dominante; ii) as estratégias de tradução não sexista são sempre provisórias, demandando uma reflexão constante. Por esse motivo, em trabalho subsequente, a pesquisadora sugere que a terceira onda da linguística feminista, proposta por

Sara Mills (2003 e 2008) e que parte do discurso enquanto unidade de análise, seja aplicada à tradução como um “novo marco metodológico” (CASTRO, 2017, p. 238). Isso abriria o caminho para analisar os problemas de tradução postos em evidência por essa representação discursiva, bem como aqueles que não são postos em questão:

Por exemplo, problemas de tradução gerados por palavras que, dependendo do discurso, possam ter como referentes mulheres e/ou homens (“children” como “filhas”, “filhos”, “crianças”); problemas quando estamos frente a um masculino que não sabemos se tem valor genérico ou específico, sendo isso relevante para a tradução (“tios” como “uncles”, “uncles and aunts”, “aunts and uncles”, etc.); problemas quando um texto que não explicita o sexo da/o referente deve ser explicitado na língua alvo (“you’re tired” como “você está cansado” ou “cansada”); problemas quando um texto menciona explicitamente o sexo da/o referente, mas a língua alvo não requer, embora possa, torná-lo explícito (“escritora” como “writer” ou “woman writer”); ou, em geral, problemas éticos que possam surgir ao traduzir um discurso que os feminismos qualifiquem como reprovável. (CASTRO, 2017, p. 239; nossa tradução)

Um último apontamento sobre a reflexão que Castro faz é que não apenas textos literários devem ser examinados na ótica da terceira onda da tradução feminista, mas também outras tipologias textuais: discurso científico, audiovisual e materiais paratextuais (capas, prefácios e outros externos à tradução propriamente dita, mas que discursam sobre ela).

Para fechar nossa discussão sobre teorias úteis para o nosso projeto de tradução de um livro sobre saúde e sexualidade da mulher, gostaríamos de trazer a contribuição de Santaemillia (2005), que relaciona os conceitos de “sexo”, “linguagem” e “tradução”, seguindo a esteira daqueles que trouxeram a sexualidade como categoria analítica para os Estudos de Tradução na década de 1990. Para esse pesquisador, sexo e tradução são atividades de transgressão, de autodescoberta, de paixão, de construção discursiva identitária e manipulação. Santaemillia conta que a tradução de linguagem sexual tem sido realizada de várias maneiras, dependendo de uma série de fatores: o período histórico, a presença / ausência de um certo conceito de ‘moralidade’, da moralidade do próprio autor, as tendências de tradução, a política da editora, as condições ideológicas da cultura receptora, opções pessoais, a presença / ausência de censura em uma dada comunidade etc. Santaemillia (2018) explica, ainda, que são as abordagens *queer*⁸ as que mais têm oferecido pistas para a problematização complexa de sexualidade e tradução. E é esta área – a área da

⁸ Santaemillia (2018) usa o termo *queer* para se referir, por um lado, aos trabalhos de pesquisadores interessados no tema da identidade sexual, e, por outro, aos trabalhos que aderem a um posicionamento teórico e político contra processos de normalização e resultantes exclusões.

linguagem e sexualidade – que precisa ser mais pesquisada pelos teóricos da tradução, que, apesar de tudo, têm incluído o conceito de gênero no rol de seus assuntos de pesquisa.

Pensando no projeto aqui em foco, podemos afirmar que a própria escolha do livro é uma decisão política e ideológica – queremos trazer textos feministas para o nosso contexto – assim como as estratégias adotadas na tradução também são marcadamente não sexistas, feministas e inclusivas, como explicitamos nas seções seguintes. Aderimos a essas práticas por acreditarmos que representam muito mais do que, simplesmente, alterar as estruturas linguísticas superficiais ou banir certos usos linguísticos. Por termos consciência de que traduzir não é uma atividade neutra, mas sim uma atividade que acrescenta algo – ideológico, político ou simplesmente urgente – e que todos os projetos de tradução envolvem, então, alguma forma de manipulação, é nosso desejo criar alternativas à forma como as relações de gênero são conceitualizadas através da obra que decidimos chamar de *Nossos corpos por nós mesmas*.

3. *Nossos corpos por nós mesmas*: o projeto

Em 2019, UFRJ e Unicamp deram início ao projeto de cooperação científica que uniria as duas universidades, um coletivo americano e um coletivo brasileiro, a partir de uma surpreendente coincidência. Professoras de cada uma das universidades tinham tido contato recentemente com o livro *Our Bodies, Ourselves* e não fora difícil perceber o valor daquela obra. A partir daí, surgiu o desejo de encarar o desafio de fazer a primeira tradução para o português do Brasil e tornar esse bestseller da área de saúde e sexualidade da mulher acessível também às mulheres brasileiras. Trazendo informações de relevante conteúdo, o projeto beneficia não apenas as brasileiras, mas também as milhares de mulheres falantes da língua portuguesa. O passo seguinte foi o de entrar em contato com o *The Boston Women's Health Book Collective*. Depois de muitos e-mails e reuniões, demonstrando nosso interesse em traduzir a obra, o coletivo americano nos apoiou e autorizou a nossa tradução. Assim começou a parceria do coletivo americano com o Brasil.

Em solo brasileiro, enriquecendo o nosso trabalho, passamos a contar com a parceria do Coletivo Feminista de Sexualidade e Saúde de São Paulo. Nosso intuito é publicar, no Brasil, a tradução e a adaptação da obra de forma integral em três volumes com o título *Nossos corpos por nós mesmas*. Em agosto de 2019, começaram a ser formadas as equipes de tradução da Unicamp e da UFRJ, coordenadas respectivamente pelas professoras Érica Lima e Janine Pimentel. As integrantes e os integrantes das equipes que ingressaram nessa jornada abraçaram a ideia, cientes da importância que esse trabalho trará para as mulheres, para a sociedade em geral e para o próprio trabalho de tradução, especialmente a de cunho feminista, como veremos na seção abaixo sobre

linguagem inclusiva. No mesmo ano, foram distribuídos entre as equipes do projeto de tradução onze capítulos do livro para serem traduzidos. Em 2020, foram entregues mais oito. No total, a obra é composta por vinte e sete capítulos. O tamanho desses é variado, com uma média de trinta páginas cada, podendo ser de maior ou menor tamanho. Cada capítulo ficava a cargo de equipes menores com dois ou três tradutores.

Durante o ano de 2019, as equipes da Unicamp e da UFRJ faziam reuniões quinzenais com as suas coordenadoras. Nas reuniões, discutia-se como deveria ser realizado o projeto de tradução e adaptação, as ferramentas a serem utilizadas e como usá-las, quais capítulos seriam trabalhados, além das questões que surgiram durante o processo de tradução. Optamos por fazer uso da ferramenta de memória de tradução chamada Smartcat⁹, que é gratuita e funciona online. Graças a este tipo de ferramenta, são registradas as traduções feitas pelas tradutoras e pelos tradutores de forma a apresentar, em traduções futuras, segmentos textuais similares já traduzidos, contribuindo com ganho de tempo e produtividade. A Smartcat também oferece o recurso de tradução automática para os seus usuários e usuárias, que podem fazer uso ou não deste. No segmento onde localiza-se a tradução automática, é possível realizar pequenos ajustes, evitando a necessidade de digitação do texto traduzido, o que economiza bastante tempo. No final da tradução, basta exportar o trabalho realizado. A partir do ano de 2020, algumas tradutoras quiseram experimentar outras memórias de tradução diferentes e escolheram o Trados, uma famosa “CAT tool” (do inglês “Computer Assisted Translation”).

No decorrer dos encontros, as tradutoras e os tradutores traziam as suas experiências acerca do projeto, sugestões e dúvidas. Eram tratadas questões linguísticas decorrentes das diferenças entre a língua inglesa e o português do Brasil, as adaptações necessárias para a realização dessa tradução, visto que cada língua tem as suas particularidades, assim como a equivalência ou não entre as duas línguas e as realidades do Brasil e dos Estados Unidos. A partir de 2020, as reuniões deixaram de ser presenciais devido a pandemia do novo coronavírus. Dessa forma, foram adotadas chamadas de vídeo, utilizando a ferramenta Google Meets, e começaram a ser realizadas, mensalmente, reuniões gerais com as equipes de tradução da Unicamp e da UFRJ, que passaram a contar também com os profissionais de diversas áreas do conhecimento e com o Coletivo Feminista de Sexualidade e Saúde. Durante os encontros, são discutidos assuntos como: evolução do processo de tradução, adaptações linguísticas e de contexto brasileiro, questões legais, etapas de revisão, revisão técnica, além dos trâmites para o processo de publicação do trabalho e as metas e prazos a serem cumpridos.

Pelo fato de lidarmos no projeto com muitos termos da área da medicina e da saúde da mulher que podem levantar algumas dificuldades, as equipes

⁹ Disponível em <https://us.smartcat.ai>. Acesso em 03/02/2021.

elaboraram um glossário. Assim, as palavras que podem ter gerado dúvidas foram incluídas em uma planilha do Google Docs para que toda a equipe tivesse acesso e contribuísse também, até que esses termos pudessem ser validados por especialistas. Devido a obra tratar principalmente do corpo e da saúde da mulher, a adaptação médica tem ficado a cargo de médicas ginecologistas e/ou obstetrias do Coletivo Feminista de Saúde e Sexualidade. Por abordar também outros assuntos como questões de gênero, tabus e violência, contamos com o suporte de especialistas de diversas áreas do conhecimento, tais como advogados, especialistas em saúde pública e linguistas.

Ao longo do projeto, foi decidido que muitos capítulos podem ter duas versões: uma com adaptação e outra sem adaptação para o contexto brasileiro, como um possível desdobramento do projeto. A elaboração de uma versão sem adaptação, com referências à realidade americana, pode servir a publicações futuras destinadas às brasileiras residentes nos Estados Unidos.

No trabalho de adaptação do livro para o contexto brasileiro, foi preciso criar um conteúdo que atendesse às mulheres brasileiras de forma que elas se identificassem com a obra. Dessa forma, foram adaptadas muitas questões relacionadas à cultura, à moeda, aos produtos e medicamentos utilizados e comercializados, às instituições e às agências reguladoras. Também tivemos que adaptar, sempre que possível, conteúdos ligados ao sistema de saúde, programa de imunizações, estatísticas, recomendações de leitura, serviços de aconselhamento e apoio, referências a ativismo, além das sugestões de sites e disque-ajuda.

Por se tratar de um livro de cunho feminista sobre saúde e sexualidade da mulher, mantivemos o nosso compromisso em utilizar uma linguagem inclusiva, voltada para o feminino e neutra, em vez de usar o masculino neutro, que ao longo de muitos séculos se padronizou na evolução da língua portuguesa. Para isso, utilizamos guias de escrita e estilo e buscamos não reproduzir no texto comportamentos já consolidados na nossa sociedade como a misoginia e o sexismo, seguindo a proposta de tradução feminista e inclusiva. Na próxima seção, mostraremos a linguagem que buscamos criar em nosso projeto de tradução, adaptação e revisão, pautada pela decisão política e ideológica de nossas equipes.

4. Linguagem inclusiva

Um dos principais desafios do projeto é a criação de uma linguagem inclusiva e feminista. Como mencionado na seção anterior, foram realizadas reuniões para discutir critérios de tradução e adaptação com o intuito de estabelecer estratégias linguísticas inclusivas e feministas. Para fins de organização e documentação, foi criado um documento de trabalho intitulado “Linguagem inclusiva e tradução feminista – OBOS” com anotações sobre linguagem inclusiva e sensível, exemplos de algumas posições tomadas na

prática, links de sites e textos para consulta e estudo e com bibliografia sobre tradução feminista. Foram feitos pequenos resumos sobre cada link e bibliografia a fim de facilitar os estudos.

Um exemplo interessante de fonte de pesquisa é o material que a Secretaria Estadual de Políticas para Mulheres do Governo do Estado do Rio Grande do Sul publicou, em 2014 – o “Manual para o uso não sexista da linguagem: o que bem se diz bem se entende”. Este manual apresenta um tratamento linguístico cujo objetivo é dar maior visibilidade às mulheres e não perpetuar o uso do masculino genérico, uma vez que a língua é uma forma sutil de promover discriminações. Esse material foi de extrema importância durante as etapas de tradução, adaptação e revisão de *Our Bodies, Ourselves*.

Como o Inglês não é uma língua que marca o gênero na maioria de suas palavras, é frequentemente difícil encontrar no Português, uma língua que marca gênero em quase todas as suas palavras, vocábulos “neutros” ou que sejam considerados mais inclusivos, menos sexistas e que proporcionem os mesmos efeitos de leitura que os vocábulos ingleses. É importante notar que o uso do masculino como generalizante acaba reiterando o posicionamento sexista estrutural de nossa sociedade. Considerando isso, inicialmente pensamos em uma tradução que trouxesse unicamente o feminino nas situações em que o inglês não possui marcação de gênero, mas essa posição poderia causar estranhamento e conseqüente desinteresse na leitura do livro. Cabe ressaltar que o uso de –x, @ ou –e não foi considerado para evitar problemas de fluência na leitura. No trabalho de Ana Lucia Pessotto dos Santos (2019), “Língua para todes: um olhar formal sobre a expressão do gênero gramatical no Português e a demanda pela língua(guem) inclusiva”, podemos ver que nenhuma dessas estratégias é plenamente satisfatória para a estrutura da língua. Ademais, Petê Rissatti (2019) nos mostra que esses usos são artificiais. Dessa forma, após discussões, leituras e consultas com especialistas, decidimos usar estratégias diferentes, variando de acordo com o tema do capítulo do livro.

Nesse sentido, em alguns casos em que o texto em inglês não tem marcação de gênero, consideramos que não seria adequado colocar o masculino generalizante e usamos palavras que representam mulheres e homens, como em “medical experts”, que traduzimos e adaptamos para “especialistas de saúde”, para não marcar o gênero. Dessa forma, o uso de hiperônimos foi essencial em nosso trabalho. Por vezes optamos pelo uso exclusivo do feminino, como em “we would all grow up with adults”, que ficou “nós todas cresceríamos com pessoas adultas”. Porém, caso seja necessário usar o feminino e o masculino, optamos sempre por trazer o feminino em primeiro lugar, como em “médica e médico”. Optamos pela palavra “pessoas” ou pronomes (quem, alguém) para situações que podem também se aplicar a transsexuais (pessoas com vagina/pessoas com pênis) e por substantivos que

se referem às “instituições” e não às pessoas que fazem parte delas (os brasileiros / a população brasileira).

Ainda especificando exemplos das posições adotadas que visam a atingir uma linguagem mais inclusiva, é importante mencionar as estratégias de suplementação por meio do uso de parênteses e a criação de notas de tradução-adaptação – métodos frequentemente usados em trabalhos de outras pesquisadoras da tradução, como Pas e Zaborowska (2017). No exemplo a seguir, ilustramos a decisão de incluir, em nossa tradução, um parêntese para explicar o que significa exatamente o trecho “are assigned a female gender” presente no texto fonte:

Most of us who experience or are assigned a female gender learn at a young age that we are supposed to make ourselves beautiful and sexy in order to become objects of (boys’) desire—but not to enjoy our bodies, not to have desires ourselves.

A maior parte de nós que nasce com o gênero feminino (ou que é designada na altura do nascimento como pertencendo ao gênero feminino) aprende, ainda criança, que devemos ser bonitas e sexy para assim podermos nos tornar objetos de desejo masculinos em vez de apreciar nossos corpos ou ter desejos próprios.

A suplementação por meio do uso de parênteses serviu, nesse caso, para marcar a diferença entre sexo biológico e construção social de gênero, uma vez que essa diferença se perderia no português. Também criamos notas de rodapé para justificar certas escolhas tradutórias e/ou oferecer complementos de informação, escrevemos quatro prefácios¹⁰, e fizemos o uso da tradução literal e da não-tradução – técnicas documentadas em Pas e Zabowska (2017).

Na busca pela linguagem inclusiva é importante que não ocorra a reprodução de estereótipos e que a terminologia usada seja adequada, acessível e que esteja de acordo com as últimas tendências. Isto posto, ao consultarmos um especialista na área da Linguística *Queer*, o Professor Doutor Rodrigo Borba, aprendemos que “No Brasil a forma mais comum da sigla é LGBTQ+. Embora em alguns contextos se use o Q, há muita crítica sobre isso, pois o Q na sigla em inglês se refere a *queer*, que não é uma categoria identitária em português”. Além da questão LGBTQ+, um outro ponto estudado foi a tradução de “black woman”. Optamos por “mulher negra”, uma vez que essa é a terminologia mais usada e indicada por estudiosas e estudiosos da área.

Sabemos que a terminologia que usamos está em constante discussão e que não é definitiva. Por isso, temos consciência que nossas estratégias são provisórias, considerando que a sociedade está sempre mudando e que isso

¹⁰ Uma apresentação e três prefácios assinados pelas três equipes de adaptação envolvidas no projeto.

gera a necessidade de estudos contínuos para definir novos termos. Em todo o caso, traduzir e adaptar usando uma linguagem inclusiva foi, e ainda é, um aprendizado, porque a linguagem padrão é muito automática, e sair desses caminhos espontâneos é um desafio cheio de obstáculos.

5. Considerações finais

Este artigo teve como objetivo apresentar o desenvolvimento do projeto de tradução e adaptação da obra *Our Bodies, Ourselves* e discutir as principais decisões tomadas em relação ao uso de linguagem inclusiva e feminista. Realizado através de uma cooperação científica entre duas universidades públicas brasileiras (UFRJ e Unicamp) em parceria com o Coletivo Feminista de Sexualidade e Saúde de São Paulo e com o *The Boston Women's Health Book Collective*, o projeto dialoga com a linguagem inclusiva e feminista, visto que o nosso objeto de trabalho é uma obra feminista, e, por isso, recorreremos aos subsídios teóricos dos estudos de tradução feministas.

A trajetória a trilhar para uma maior aceitação e uso de uma linguagem feminista e inclusiva ainda é longa. Entendemos que existem diversos cenários a respeito dessa linguagem sensível como pessoas que ainda não a conhecem, compreendem ou concordam com o seu uso, mas já vemos muitas discussões acerca dessa terminologia. Traduzir e adaptar a obra *Our Bodies, Ourselves*, utilizando uma linguagem inclusiva está sendo um importante desafio e um aprendizado contínuo para nós. Essa experiência já renderá frutos pois as traduções do primeiro volume, composto por sete capítulos, serão publicados em breve.

Embora esse seja um processo novo, a linguagem feminista e inclusiva vem ao encontro de uma demanda da sociedade de prezar por uma maior representatividade e inclusão. Cabe ressaltar que a terminologia não é definitiva uma vez que, como mencionado anteriormente, utilizamos estratégias provisórias, visto que nenhum desses recursos é plenamente satisfatório para contemplar e definitiva na tradução com o uso da linguagem inclusiva. Sendo a tradução uma atividade contextual e ideológica, a criação de uma linguagem inclusiva pode ser um instrumento de mudança social, pois as práticas de tradução podem ser aplicadas a fim de promover mudanças no mundo patriarcal e sexista ainda expresso através da linguagem.

Nosso projeto tem o intuito de contribuir com o autoconhecimento das mulheres brasileiras e a sua autoaceitação, levando até elas informações acerca dos seus direitos, especialmente nas questões ligadas à saúde e sexualidade, abrindo os seus olhos sobre a pressão a que elas são submetidas em um país como o Brasil ainda majoritariamente patriarcal. Esperamos que nosso trabalho possa contribuir para uma sociedade mais justa e inclusiva, ao criar alternativas nas questões de gênero através de *Nossos corpos por nós mesmas*.

Referências

BLUME, Rosvita; PETERLE, Patricia (eds). *Tradução e Relações de Poder*. Tubarão: Copiart, 2013.

CASTRO, Olga. Talking at cross-purposes? The missing link between feminist linguistics and translation studies. *Gender and Language*, vol. 7, n. 1, 2013, p. 35-58.

CASTRO, Olga. (Re)examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda?. *TradTerm*, vol. 29, n. julho/2017, p. 216-250.

CASTRO, Olga; ERGUN, Emek. Translation and Feminism. In: EVANS, J.; FERNANDEZ, F. (orgs). *The Routledge Handbook of Translation and Politics*. London/New York: Routledge, 2018, p. 125-143.

CHAMBERLAIN, Lori. Gender and the Metaphorics of Translation. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, vol. XIII, n. 3, 1988, p. 454-472.

von FLOTOW, Luise. Feminist Translation: Contexts, Practices and Theories. *TTR: Traduction, Terminologie et Redaction*, vol. 42, s.n., 1991, p. 69-84.

von FLOTOW, Luise. Traduzindo Mulheres: de histórias e re-traduições recentes à tradução 'Queerizante. In: BLUME, Rosvita; PETERLE, Patricia (eds). *Tradução e Relações de Poder*. Tubarão: Copiart, 2013, p. 169-172.

GODARD, Barbara. Preface. In: BROSSARD, Nicole (ed). *Lovhers*. Montreal: Guernica, 1986, p. 7-12.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL; SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA MULHERES. *Manual para o uso não sexista da linguagem: o que bem se diz bem e entende*. Rio Grande do Sul: Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital, 2014.

de LOTBINIÈRE-HARWOOD, Susanne. *Re-belle et infidèle: la traduction comme pratique de réécriture au féminin. The Body Bilingual: Translation as a Rewriting in the Feminine*. Montreal: Women's Press, 1991.

MILLS, Sara. Third Wave Linguistic Feminism and the Analysis of Sexism. *Discourse Analysis Online*, vol. 2, n. 1, 2003, s.p.. Disponível em: <<http://extra.shu.ac.uk/daol/articles/open/2003/001/mills2003001-paper.html>>. Último acesso em 5 abril de 2021.

MILLS, Sara. *Language and Sexism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

PAS, Justine; ZABOROWSKA, Magdalena. The Other Women's Lives: translation strategies in the global feminisms project. In: CASTRO, Olga; ERGUN, Emek (eds). *Feminist Translation Studies. Local and Transnational Perspectives*. New York/London: Routledge, 2017, pp. 139-150.

RISSATTI, Petê. Questão de gênero na tradução: abordagens práticas na linguagem inclusiva. *Petê Rissatti* © 2016. Disponível em: <<https://peterissatti.com.br/2019/07/08/questao-de-genero-na-traducao-abordagens-praticas/>> Último acesso em 5 de abril de 2021.

SANTAEMILIA, José (ed). *Gender, Sex and Translation*. New York/London: Routledge, 2005.

SANTAEMILIA, José. Sexuality and Translation: Rewriting Identities and Desires. In: HALL, Kira; BARRETT, Rusty (eds.) *The Oxford Handbook of Language and Sexuality*. Oxford: Oxford University Press, 2018, s.p..

SANTOS, Ana Lucia. Língua para todes: um olhar formal sobre a expressão do gênero gramatical no português e a demanda pela língua(gem) inclusiva. *Revista Ártemis*, vol. 28, n. 1, 2019, p. 160-178.

SNELL-HORNBY, Mary. *The Turns of Translation Studies. New paradigms or shifting viewpoints?*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2006.